



EXPRO

SIGÃO

UM PROJECTO DE COSTANZA GIVONE
PRODUÇÃO FOGO LENTO



SINOPSE

Uma galeria, um atelier, materiais expostos, inacabados.

Uma mulher prepara o seu corpo para fazer um molde em gesso.

Um corpo coberto de gesso ganha espaço graças à força da sua respiração, destrói o gesso.

Um corpo sem olhos procura um lugar para sentar no escuro.

Um corpo embrulhado em plástico carrega o peso dos tijolos que o seguram ao chão.

Uma figura esconde-se num balde de tinta.

Uma figura arrasta pesos, torna-se enorme, ou uma bola informe e pequena, procura apoio, cumplicidade, procura esconder-se e mostrar-se. Veste-se e veste outros corpos.

Possibilidades para corpos em transformação.

APRESENTAÇÃO

Exposição é uma performance que reflete sobre o conflito entre o “eu público” e o “eu privado” da mulher na sociedade ocidental contemporânea.

A transformação que se opera na mulher que se torna mãe, a animalidade que vem à superfície, a solidão e a incapacidade de se reconhecer nas representações do feminino com as quais cresceu, deram o impulso para começar um trabalho que vai além da gravidez e da maternidade e quer refletir sobre a fricção entre ser e parecer. Procuro, através a prática artística, refletir sobre a representação do feminino culturalmente determinada, em contraposição ao existir livre de categorias.

A experimentação de impor limites externos ao meu corpo, encapsulando-o com vários materiais, tem sido o combustível para investigar o processo de reconhecimento e superação de limites impostos, seja por nós mesmos ou pela sociedade.

A ação nasce assim do conflito entre a procura de espaço de ação dentro de limites físicos e a superação dos mesmos, a liberdade é uma ilusão até o encontro de um novo limite.



EXPOSIÇÃO, UMA PERFORMANCE-INSTALAÇÃO

Procuramos construir uma instalação interativa, onde quem olha e quem é olhado se contagia e se transforma reciprocamente. Interessa-nos evocar o ambiente do atelier de um artista, um lugar de experimentação. A cenógrafa e escultora Sandra Neves utilizará materiais que nos levam para o lado artesanal da prática artística (gesso, baldes, tintas, manga plástica, pincéis, tijolos, barro etc...) criando obras efémeras para ser experienciadas fisicamente.

Em cena estarão duas performers, Costanza Givone e Ece Canli, a primeira mais focada na construção da ação a partir da relação do corpo com os materiais em cena, a segunda desenvolverá um trabalho vocal e sonoro em diálogo constante com a ação, sendo que a voz fará parte do trabalho coreográfico da primeira, assim como o corpo, do trabalho vocal da segunda.

O primeiro material que será explorado é o gesso, com o qual a performer irá cobrir o seu corpo. A sua ação será desenvolvida a partir deste limite. A criação de limites físicos permite ao corpo descobrir novas formas, novas maneiras de mexer e de se expandir em direcções para onde não costuma aventurar-se.





Uma vez partido o gesso, o corpo ganha uma presença nova e começará a reconhecer o espaço que o rodeia, assim como outros materiais. A performer utilizará estes novos materiais para criar figuras, imagens em movimento, colagens, que não chegam a ser personagens. Seres sem passado nem futuro que vivem no agora, na relação com o material e pedem emprestadas as memórias da criadora, em forma de material de trabalho. Miragens de algo que estava esquecido ou simplesmente escondido, esculturas vivas e efêmeras.

A coreografia irá nascer do conflito entre a procura de espaço de ação dentro do limite e a superação do mesmo, a liberdade é uma ilusão até o encontro de um novo limite.

O realizador João Vladimiro irá construir um filme a projectar em tiras semi-rígidas de plástico dispostas verticalmente permitindo assim a passagem da performer. Neste filme, onde a personagem literalmente entra e sai da tela, vamos explorar situações que procuram “tirar o tapete” ao espectador colocando a acção em lugares e “não lugares”, onde as aventuras da personagem se estendem procurando confrontos para lá dos limites da cena.



[still do vídeo *Molde*]

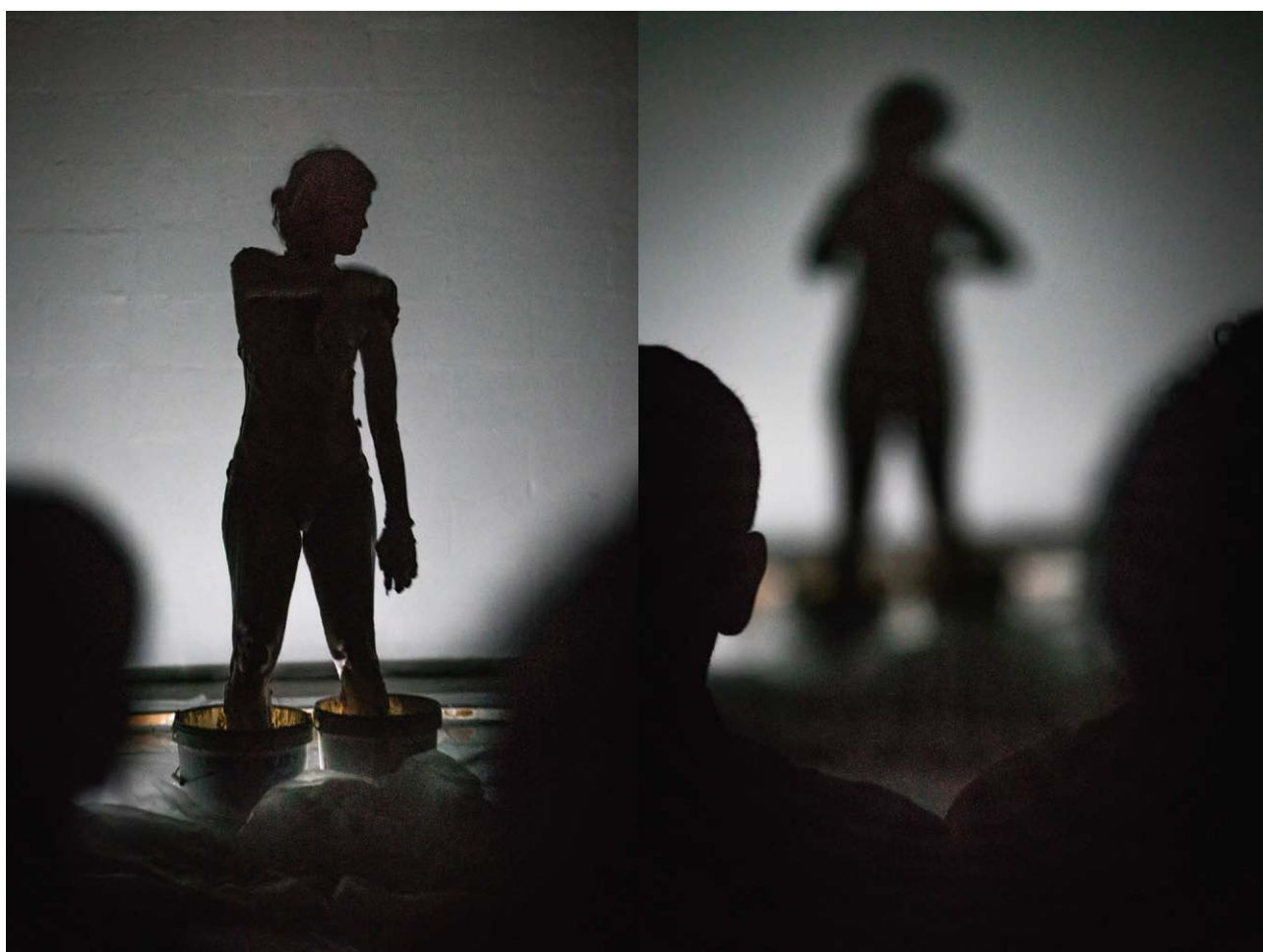
O PAPEL DO ESPECTADOR

Neste trabalho, o espectador terá um papel ativo durante o processo de criação assim como na própria performance.

Acredito que o diálogo com a comunidade (artistas ou possíveis espectadores), é extremamente fértil, seja para repensar o modus operandi do criador e encontrar soluções inovadoras na construção do trabalho, seja para refletir sobre o tema, utilizando a prática artística como meio para pensar em ação. Com este objetivo o projeto prevê, durante a fase de criação:

- momentos de partilha do processo ao vivo (ensaios abertos, conversas) e on-line (imagens, textos);
- dois workshops abertos a profissionais e amadores, onde, através de um trabalho físico e vocal, iremos refletir sobre os limites culturais que determinam a nossa maneira de ser e procuraremos corpos e vozes escondidos ou esquecidos. Estes momentos de trabalho servirão para testar possibilidades de envolvimento de pequenos grupos de espectadores na performance, através da criação de um “coro de figuras”.

Durante a performance o espectador-cúmplice será convidado a interagir com os materiais expostos (tocar, mexer, vestir, utilizar), que lhe darão sensações físicas concretas, deformando a sua postura e o seu aspeto. O espectador experiênciaria assim o lugar de quem olha e de quem é olhado numa exposição que nunca é igual, porque interage constantemente com os corpos de quem vê.



FICHA ARTÍSTICA

Direção artística/performer: **Costanza Givone**

Som/música ao vivo: **Ece Canli**

Vídeo e design: **João Vladimiro**

Objetos e cenário: **Sandra Neves**

Luz: **Frederico Lobo**

Direção de produção: **Ana Carvalhosa**

Produção: **Fogo Lento – Associação Cultural**

Fotografias: **Danilo Galvão** e stills **João Vladimiro**

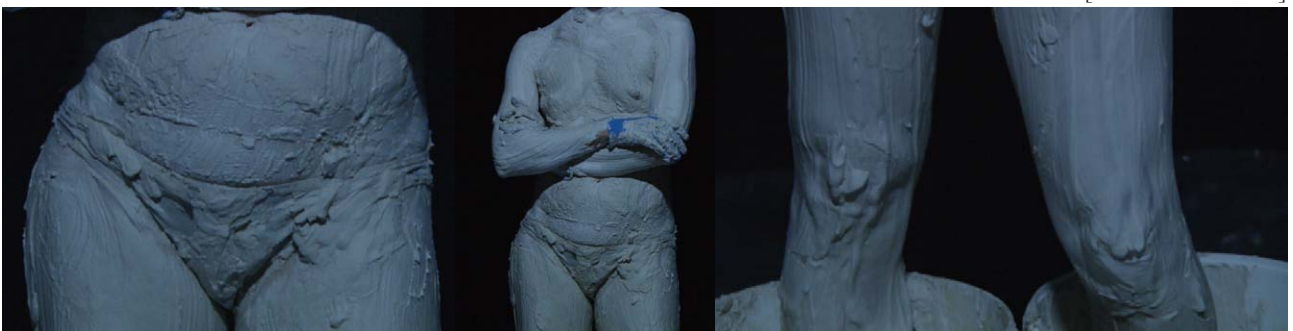
INFOS

duração aprox. **45 minutos** | classificação etária: **maiores de 12** | público alvo: **maiores de 16**

A performance prevê a circulação livre do público pelo local de apresentação. De forma a manter uma relação de proximidade entre público e performer a lotação poderá variar **entre 30 e 90 pessoas**.

A forte transdisciplinariedade e o formato performativo do trabalho permitem que seja apresentado, além dos teatros, em lugares não convencionais.

[stills do vídeo *Molde*]



Co-produção: **Fundo Fomento Cultural/DGArtes, Fundação Calouste Gulbenkian**

Residências Artísticas: **Espaço do Tempo, Lugar Instável, Materiais Diversos**

Apoios: **Circolando, Companhia Instável, Materiais Diversos**

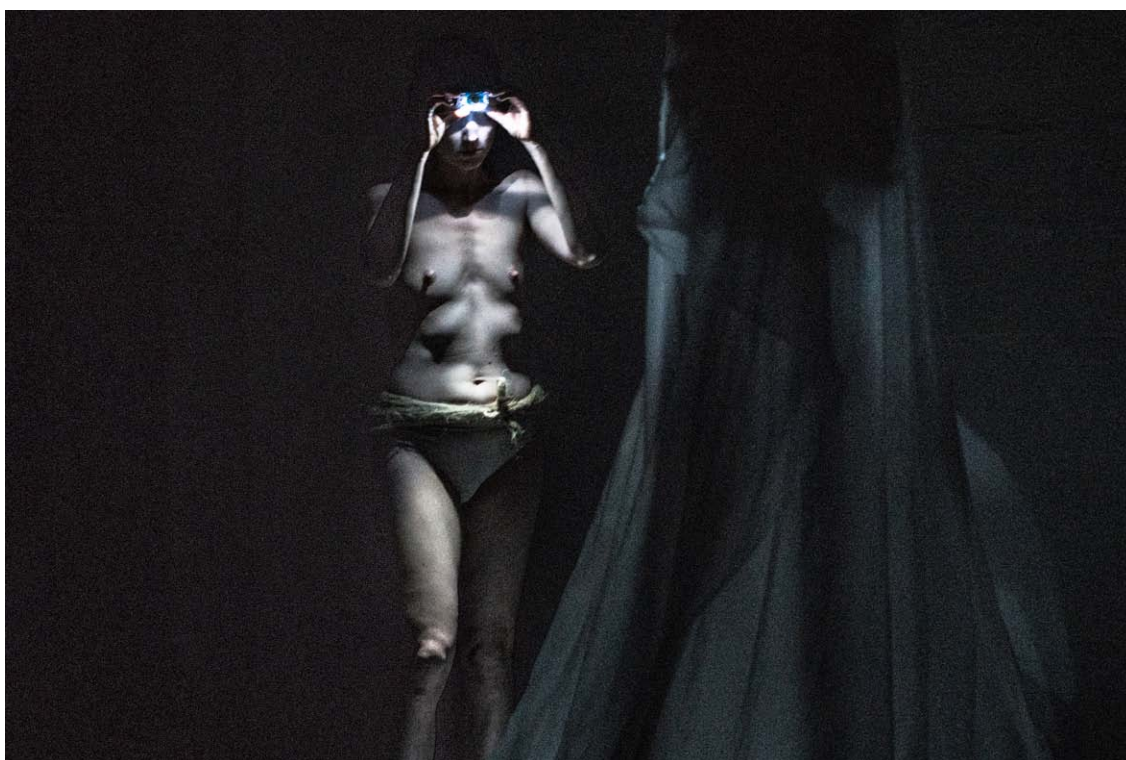
Fogo Lento, associação cultural | Rua Rio da Costa, nº 24, 4415-320, V. N. Gaia

mail: fogolento.cultural@gmail.com | Costanza Givone: 91 595 13 42 | Ana Carvalhosa: 93 627 26 36

BIOS

[COSTANZA GIVONE - costanzagivone.weebly.com](http://costanzagivone.weebly.com)

Mestre em artes cénicas e pós-graduada em dança contemporânea na **ESMAE** (Porto). Estudou no **CEM** (Centro Em Movimento, Lisboa), no **CPDC** (Centro de Aperfeiçoamento em Dança Contemporânea de Florença), e teatro no **Teatro del Giglio** (Lucca). No seu percurso artístico destaca os artistas **N.Karpov, Virgilio Sieni, Simona Bucci, Sofia Neuparth, Peter Michael Dietz, Vera Mantero, Alexej Merkushev** da companhia **Derevo, Gey Pin Ang, Gabriella Bartolomei** (voz) com os quais estudou e os coreógrafos e encenadores **Madalena Victorino, Aldara Bizarro, André Braga e Cláudia Figueiredo** com os quais trabalhou como intérprete. Em 2006 foi co-fundadora da companhia **Zaches** Teatro para aprofundar o estudo da relação do corpo com o objeto, a máscara, a marioneta. Desde 2012 ao lado do trabalho de intérprete desenvolve projetos pessoais em colaboração com artistas de diferentes áreas: **Fogo Lento** (projeto vencedor da **Bolsa Isabel Alves Costa** 2018), **Famílias** (projeto-satélite **Circolando**), **Tempo Rói** (estreia TAGV, Coimbra, 2015), **Santas de Roca** (produção **Artemrede** 2013), **Salomè ha Perso il Lume** (finalista do **Premio Scenario**, estreia no **FIMFA**). Nos últimos anos, graças aos projetos **Espírito do Lugar 1.0, 2.0, 3.0, 4.0, 5.0** e **Derivas**, com a direção artística de **André Braga e Cláudia Figueiredo**, desenvolveu trabalhos site-specific no Porto e em Coimbra.



JOÃO VLADIMIRO

Licenciatura em Design Gráfico pela **FBAUP**.

Como criador/intérprete trabalhou com: **Circolando** (1999-2012) *Caixa Insólita*, *Rabecas*, *Giroflé*, *Charanga*, *Cavaterra*, *Quarto-Interior* e *Mansarda*; **Madalena Victorino** nos espetáculos *Vale* (2009) e *Flecha* (2011); **Karine Ponties** no espetáculo *Tuco* (2010); **Joana Providência**: *Território* (2014), *Inquietações* (2016), *Vestígio* (2017) e *Rumor* (2018).

A partir de 2006 começa a aventura cinematográfica frequentando o curso de realização de documentário dos **Ateliers Varan** na **Fundação Calouste Gulbenkian** onde realiza *Pé na terra e* com o qual vence o prémio de **Melhor Realizador Português de Curta-Metragem** na terceira edição do **Indie Lisboa**. Depois realizou *Jardim* (2008), *Lacrau* (2013), — vencedor dos prémios **Melhor Longa Metragem Portuguesa e Árvore da Vida** na décima edição do **Indie Lisboa** e com estreia comercial em Portugal, França, Suíça e Bélgica — *A lã e a neve* (2014) e finalmente *Anteu* (2018) com o qual arrecada 4 prémios principais em 3 festivais portugueses. Estes filmes foram exibidos em importantes festivais estrangeiros como **Fid Marseille**, **Mar de Plata**, **Viennale**, **Sevilha**, **Rio de Janeiro** e mais recentemente, com *Anteu*, **Nova Iorque**, **Roterdão** e **Buenos Aires**, sempre nas competições principais.

[ECE CANLI - soundcloud.com/ececanli](https://soundcloud.com/ececanli).

É investigadora, artista, cantora e música. Vive no Porto.

Concluiu o **MFA** pela **Konstfack University College of Arts, Crafts and Design** (Suécia) e o **Ph.D** pela faculdade de **Belas Artes da Universidade do Porto**. O seu trabalho centra-se na temática “body politics” e as suas metodologias de investigação incluem voz, som, texto e artefacto. Ece foi performer do colectivo queer-feminista **T.I.R** de Estocolmo e colaborou com vários artistas, músicos e coreógrafos como **Jonathan Uliel Saldanha**, **Joclécio Azevedo**, **Eyvind Kang**, **Jessika Kenney**, **Garcia de Selva**, **Nina Jeppsson**, **Carolina Nylund** e **Extrastruggle**. Actualmente ela compõe e toca nos projectos **NOOTIO** (um duo com a harpista **Angélica V. Salvi**), **LIVE LOW** (uma banda iniciada por **Pedro Augusto** aka **Ghuna X**) e **VOX FLORA**, **VOX FAUNA** (solo) onde ela usa ‘extended vocal techniques’, ‘speech act’ e outros elementos sonoros.

SANDRA NEVES

Licenciada em Escultura pela **FBAUP** em 2005.

Desenvolve trabalho de desenho e escultura a par de várias colaborações na criação de cenografia, adereços, máscaras e marionetas para teatro e dança. Funda a **Trupe Fandanga**, grupo de experimentação na área das marionetas e teatro de objectos. Trabalha com o **Teatro da Palmilha Dentada** desde a sua formação. Na área da cenografia e adereços trabalhou em várias produções da companhia **Circolando**, **Astro Fingido**, **Lufa-Lufa**, **Teatro Art’imagem** e **Teatro Regional da Serra do Montemuro**. Trabalhou com o **Teatro Municipal da Guarda**, **Teatro Bruto**, **Victor Hugo Pontes**, **Vera Santos**, **Teatro da Didascália** e **Teatro da Rainha**. Na criação e construção de marionetas destacam-se os trabalhos desenvolvidos com o **Teatro da Palmilha Dentada**, **Patrick Murys**, **Limite Zero**, **Art’imagem**, **Mau Artista**, **Teatro da Rainha** e **Teatro de Marionetas do Porto**. Fez Direcção de Arte para os filmes *Coveiro* e *DRVO – A Árvore* de **André Gil Mata**, *BAF* de **Patrícia Viana Almeida**. Assina a Direcção de Arte da curta metragem de stop-motion *Anamorphose* de **João Rodrigues**, ainda em produção.

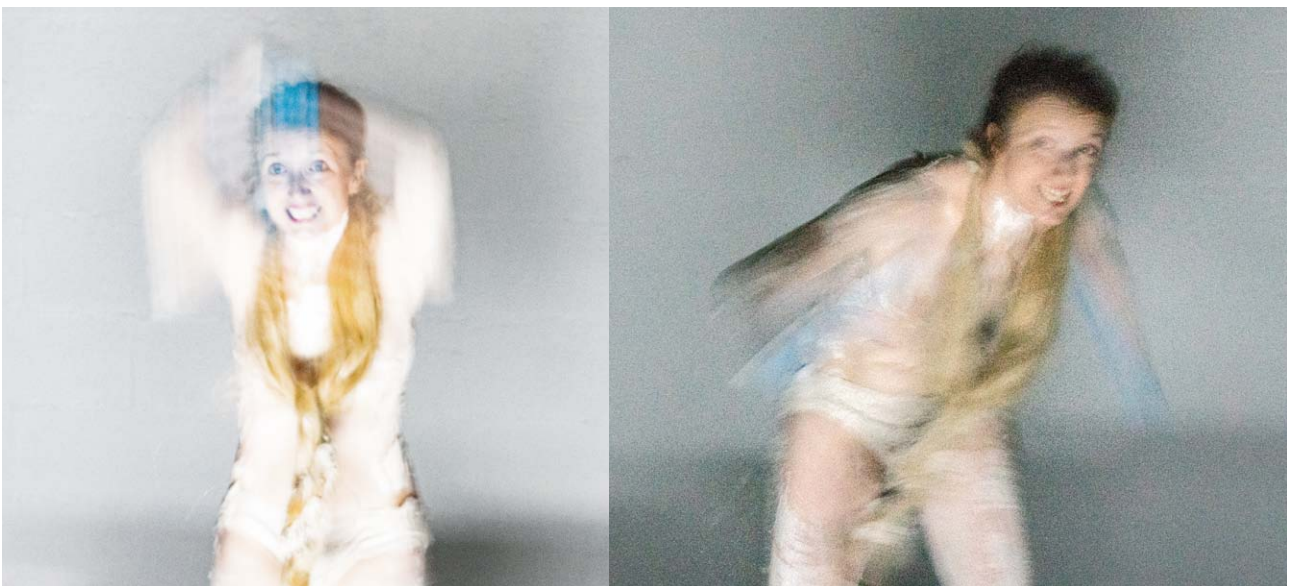
INVESTIGAÇÃO E REFERÊNCIAS TEÓRICAS

Começamos refletindo sobre o conceito de exposição. Segundo **Jean Luc Nancy** (*Corpus*) exposição é: “this vertiginous withdrawal of the self from the self that is needed to open the infinity of the withdrawal all the way up to self. The body is this departure of self to self”. “The body is the being exposed of the being” (Corpus, 2008). Exposição, segundo esta interpretação, é então uma queda vertiginosa para voltar a si mesmo, um caminho de auto-conhecimento que passa pela negação do eu, para voltar à auto-afirmação. Numa perspectiva Hegeliana a possibilidade da negação de si, e de devir Outro, é necessária para voltar à afirmação de si. Neste contexto, o reconhecimento como sujeito passa pelo reconhecimento do não Eu. A Alteridade torna-se elemento fundador do Eu.

As observações de **John Berger** (*Ways of seeing*), sobre a representação do corpo da mulher na pintura maneirista trazem uma outra interpretação. O corpo neste caso é uma “paisagem para ser observada” ou “um objeto de olhar”, que vive segundo as expectativas de quem o olha: uma encenação feita para um olhar predominantemente masculino. O auto-conhecimento passa pela relação com a alteridade, que pode tornar-se um caminho de descoberta e encontro ou perpetuar a objetificação do corpo.

A partir do estudo da transformação da representação do feminino através dos séculos, procuramos refletir sobre a fricção entre ser e aparecer e as implicações do olhar do Outro no desenvolvimento da individualidade. Faremos uma viagem desde a arte grega até as obras de artistas contemporâneas como **Rebecca Horn** ou **Louise Bourgeois** para refletir sobre a relação entre representação e evolução do papel da mulher. Procuramos confrontar-nos com as teorias de **Berger**, **Butler** e **Mulvey** sobre masculinização do olhar, para perceber a sua relevância na sociedade contemporânea.

Interessa-nos revisitar a relação entre quem olha e quem é olhado e como esta relação se perpetua ou se transforma no curso dos séculos. Iremos refletir sobre os momentos marcantes do desenvolvimento físico e emotivo de uma mulher e o lugar que estes momentos têm na sociedade contemporânea. Como o olhar do Outro transforma estas vivências? Que olhar é este? Que espaço é dado à partilha e representação desta intimidade? Relacionar-nos-emos com as teorias dos autores supracitados, com a vontade de fazer uma atualização, sendo que as consideramos ainda muito pertinentes e urgentes. A teoria servirá como base para um trabalho em que queremos abordar o tema utilizando a prática artística como meio de investigação. Para isto iremos desenvolver atividades onde, através propostas físicas e sensoriais, os participantes terão a oportunidade de partilhar as próprias experiências, relacionadas com o tema.



REFLEXÕES A PARTIR DOS TEMPOS QUE ESTAMOS VIVER

A maneira como a pandemia do Covid-19 afetou as nossas vidas, limitou a nossa liberdade e substituiu a presença física pela virtual, tornou mais urgente re-pensar a relação corpo/imagem, eu público/eu privado.

No caso das artes performativas, o uso massivo de gravações de espectáculos e a transformação do lugar do espectador, tornou necessária uma reflexão profunda sobre o encontro entre performance ao vivo e vídeo. Juntamente com o realizador João Vladimiro colocamos agora, no processo de investigação e criação, um terceiro olho, que não é o do espectador nem do encenador. A fricção entre o “eu público” e o “eu privado”, tornou-se mais complexa à frente da câmara: a ausência física dos espectadores aumenta aparentemente a sensação de intimidade, mas a noção de que ao mesmo tempo a imagem é projectada para um número infinito de pessoas reequaciona essa mesma sensação. O íntimo e o público chocam, espaço e tempo multiplicam-se e a relação entre performer e espectador transforma-se.

Do ponto de vista tecnico-metodológico procuramos assim perceber como traduzir sistemas da composição cinematográfica para a performance ao vivo e vice-versa; se é possível e como, materializar o trabalho performativo através do meio cinematográfico para além da mera reprodução do ato ou documento sem finalidade artística.

Acreditamos que os dois meios artísticos envolvidos nunca poderão substituir-se um ao outro mas, ainda mais no momento atual, vemos a importância da colaboração e do conhecimento das ferramentas, que permitam aos dois meios florescer graças a esta contaminação.

O primeiro fruto desta colaboração é o vídeo experimental *Molde*, e tencionamos, durante todo o processo de criação do trabalho, nutrir a relação entre a obra ao vivo e o cinema.



[still do vídeo *Molde*]